

E L James
**As Cinquenta Sombras
mais Negras**

Fifty Shades Darker

Traduzido do inglês por
Leonor Bizarro Marques



CAPÍTULO UM

Eu sobrevivera ao Dia Três Pós-Christian e ao meu primeiro dia de trabalho, uma distração bem-vinda. O tempo voou graças à confusão de caras novas, ao trabalho e a Mr. Jack Hyde. Mr. Jack Hyde... sorriu para mim com os olhos azuis a cintilar, encostando-se à minha secretária.

– Excelente trabalho, Ana. Acho que vamos formar uma grande equipa.

Eu consegui de alguma forma arquear os lábios para cima, numa tentativa de um sorriso.

– Se não se importa vou sair – murmurei.

– Claro, são cinco e meia. Vemo-nos amanhã.

– Boa noite, Jack.

– Boa noite, Ana.

Peguei na minha mala, vesti o casaco e encaminhei-me para a porta. Lá fora respirei fundo, enchendo os pulmões com o ar daquele princípio de noite em Seattle, mas este não me preencheu o vazio no peito, um vazio que estava presente desde sábado de manhã, como uma lembrança oca e dolorosa da minha perda. Caminhei em direção à paragem de autocarro, de cabeça baixa, a olhar para os pés, a pensar no facto de que estava sem a minha querida Wanda, o meu velho Carocha... ou o Audi.

Bloqueei imediatamente esse pensamento. Não, não penses nele. É claro que eu agora tinha dinheiro para comprar um carro – um belo carro novo. Suspeitava que ele fora excessivamente generoso no pagamento e a ideia deixou-me um gosto amargo na boca, mas pu-la de parte, tentando manter a mente tão entorpecida e vazia quanto possível. Não podia pensar nele, pois não queria desatar a chorar outra vez – não no meio da rua.

O apartamento estava deserto. Sentia a falta de Kate e imaginei-a deitada numa praia em Barbados a beber um *cocktail* fresco. Liguei a televisão para que o ruído preenchesse o vácuo e me desse a ilusão de companhia, mas não estava a ouvir nem a ver nada. Sentei-me e olhei inexpressivamente para a parede de tijolos. Estava entorpecida. Não sentia nada a não ser dor. Quanto tempo teria de aguentar aquilo?

A campainha da porta arrancou-me em sobressalto da minha angústia e o coração parou-me por instantes. Quem poderia ser? Carreguei no botão do intercomunicador.

– Uma entrega para Miss Steele – respondeu uma voz entediada, despojada de corpo e eu fui varrida pela decepção. Desci letargicamente as escadas e deparei-me com um jovem encostado à porta da frente, a mastigar ruidosamente uma pastilha elástica, com uma grande caixa de cartão na mão. Assinei o registo do pacote e levei-o para cima. A caixa era grande e surpreendentemente leve. No interior estavam duas dúzias de rosas brancas, de pé comprido, e um cartão.

Parabéns pelo teu primeiro dia de trabalho.

Espero que tenha corrido bem.

Obrigado pelo planador. Foi muito amável da tua parte.

Tem um lugar de honra na minha secretária.

Christian

Olhei para o cartão impresso e o vazio no meu peito aumentou. Sem dúvida que fora a sua assistente que o enviara. Christian devia ter muito pouco a ver com ele. Era demasiado doloroso pensar nisso. Examinei as rosas – eram lindas e eu não consegui atirá-las para o lixo, por isso dirigi-me diligentemente à cozinha, à procura de uma jarra.

E assim começou a surgir um padrão: acordar, trabalhar, chorar e dormir. Ou melhor, tentar dormir. Nem em sonhos lhe conseguia escapar. Os olhos cinzentos, ardentes, o seu olhar perdido, o cabelo escovado e brilhante, tudo isso me assombrava. E a música... toda aquela música... já não suportava ouvir música. Evitava-a a todo o custo. Até a música dos anúncios me fazia estremecer.

Não falara com ninguém, nem mesmo com a minha mãe ou com Ray. Naquele momento não me sentia com capacidade para conversa fiada. Não, não queria nada disso. Transformara-me no meu próprio estado insular. Uma terra devastada, assolada pela guerra, onde nada crescia e os horizontes eram sombrios. Sim, essa era eu. Conseguia interagir impessoalmente no trabalho, mas nada mais. Se falasse com a mãe, sabia que iria ficar ainda mais deprimida, e já não tinha por onde ficar mais deprimida.

Era-me difícil comer. Na quarta-feira, à hora do almoço, consegui comer um iogurte, mas era a primeira coisa que metia à boca desde sexta-feira. Estava a sobreviver às custas de uma recém-descoberta tolerância ao café com leite e à Coca-Cola Light. Era a caféína que me mantinha de pé, mas estava a deixar-me ansiosa.

Jack começara a pairar à minha volta e a irritar-me com perguntas pessoais. O que pretendia ele? Eu era educada mas tinha de o manter à distância.

Sentei-me e comecei a examinar uma pilha de correspondência dirigida a ele, e aceitei de bom grado a distração que o trabalho de subalterna me proporcionava. O meu e-mail piscou e eu verifiquei-o rapidamente para ver de quem era.

Com os diabos. Um e-mail de Christian. Oh não, aqui não... no trabalho não.

De: Christian Grey

Assunto: Amanhã

Data: 8 de junho de 2011 14:05

Para: Anastasia Steele

Querida Anastasia,

Perdoa-me esta intrusão no trabalho. Espero que esteja a correr bem.

Recebeste as minhas flores?

Faço notar que amanhã é a inauguração da exposição do teu amigo.

Tenho a certeza de que não tiveste tempo de comprar um carro e a viagem é longa. Teria o maior prazer em levar-te – se o desejares.

Diz-me qualquer coisa.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

As lágrimas vieram-me aos olhos. Abandonei apressadamente a secretária e corri para os lavabos, refugiando-me num dos compartimentos. A exposição do José. Tinha-me esquecido completamente dela e prometera-lhe que ia. Merda, Christian tinha razão: como iria lá chegar?

Levei as mãos à cabeça. Porque não teria José telefonado? Pensando melhor no assunto, porque não teria ninguém telefonado? Andava de tal forma alheada que nem reparara que o meu telemóvel estivera o dia inteiro silencioso.

Merda! Que idiota que eu era! Ainda o tinha programado para reencaminhar as chamadas para o BlackBerry. Com os diabos, Christian estava a receber as minhas chamadas – a menos que tivesse deitado o BlackBerry fora. Como conseguira ele o meu endereço de e-mail?

Ele sabia o meu número de sapatos. Um endereço de e-mail dificilmente representaria um grande problema para ele.

Seria capaz de vê-lo de novo? Seria capaz de aguentar? Fechei os olhos e inclinei a cabeça, trespassada pela mágoa e pela saudade. Claro que sim.

Talvez... talvez lhe pudesse dizer que tinha mudado de ideias... Não, não, não. Não podia estar com alguém que tinha prazer em infligir-me dor, alguém que era incapaz de me amar.

Vieram-me à memória lembranças torturantes – o voo de planador, nós de mãos dadas, os beijos, a banheira, a sua delicadeza, o seu sentido de humor e o seu olhar sombrio, taciturno e *sexy*. Sentia a falta dele. Tinham passado cinco dias, cinco dias de agonia que mais pareciam

uma eternidade. À noite, chorava até adormecer, desejando não me ter vindo embora, desejando que ele fosse diferente, desejando que estivéssemos juntos. Quanto tempo iria durar aquela sensação hedionda, arrasadora? Estava no purgatório.

Envolvei o corpo com os braços, abraçando-me com força, tentando manter a compostura. Sentia a falta dele, sentia tanto a falta dele... Amava-o, tão simples quanto isso.

Anastasia Steele, estás no trabalho! Tinha de ser forte, mas queria ir à exposição do José e, lá no fundo, a masoquista em mim queria ver o Christian. Respirei fundo e voltei para a minha secretária.

De: Anastasia Steele

Assunto: Amanhã

Data: 8 de junho de 2011 14:25

Para: Christian Grey

Olá Christian,
Obrigada pelas flores, são lindas.
Sim, gostava que me desses boleia.

Obrigada.

Anastasia Steele

Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

Verifiquei o meu telefone e vi que ainda estava programado para reencaminhar as chamadas para o BlackBerry. Jack estava numa reunião, por isso telefonei rapidamente ao José.

– Olá, José, fala a Ana.

– Olá, desaparecida. – O seu tom de voz foi tão afetuoso e receptivo que quase bastou para me fazer ir a baixo de novo.

- Não posso falar muito tempo. A que horas é para estar aí amanhã, para a tua exposição?
- Sempre vens? – Parecia entusiasmado.
- Claro que sim. – Sorri, ao imaginar o seu sorriso de orelha a orelha. Era o meu primeiro sorriso genuíno em cinco dias.
- Sete e meia?
- Vemo-nos a essa hora. Até amanhã, José.
- Adeus, Ana.

De: Christian Grey

Assunto: Amanhã

Data: 8 de junho de 2011 14:27

Para: Anastasia Steele

Querida Anastasia,
A que horas te vou buscar?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: Amanhã

Data: 8 de junho de 2011 14:32

Para: Christian Grey

A exposição do José começa às 19:30. A que horas sugeres?

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Amanhã
Data: 8 de junho de 2011 14:34
Para: Anastasia Steele

Querida Anastasia,
Portland fica um pouco longe. Vou buscar-te às 17:45.
Estou ansioso por te ver.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Amanhã
Data: 8 de junho de 2011 14:38
Para: Christian Grey

Vemo-nos a essa hora.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

Oh meu Deus, ia ver o Christian. Pela primeira vez em cinco dias o meu estado de espírito melhorou ligeiramente e eu permiti-me pensar como estaria ele.

Teria sentido a minha falta? Provavelmente não da mesma forma que eu sentira a falta dele. Teria encontrado uma nova submissa? A ideia era tão dolorosa que a pus imediatamente de parte. Olhei para a pilha de correspondência que tinha de separar para o Jack e atirei-me a ela, tentando mais uma vez tirar Christian da cabeça.

Nessa noite, na cama, dei voltas e voltas na cama, tentando dormir. Era a primeira vez desde há algum tempo que não adormecia a chorar.

Visualizei mentalmente o rosto de Christian da última vez que o vi, quando me fora embora. A sua expressão torturada assombrava-me. Lembrava-me que ele não queria que eu me fosse embora, o que foi estranho. Porque haveria de ficar, tendo as coisas chegado àquele ponto? Estávamos ambos a tentar contornar os nossos problemas – o meu receio de punição e o medo dele de... de quê? Do amor?

Virei-me de lado e abracei a almofada, inundada de uma tristeza arrasadora. Ele achava que não merecia ser amado. Porque se sentiria assim? Teria a ver com a sua infância? Com a sua mãe biológica, a prostituta viciada em *crack*? Estes pensamentos atormentaram-me até às primeiras horas da manhã, até que finalmente caí num sono inquieto e exausto.

O dia arrastou-se interminavelmente e Jack estava invulgarmente atento a mim. Desconfiava que era por causa do vestido cor de ameixa da Kate e das botas de salto alto que roubara do seu armário, mas decidi não matutar muito no assunto. Resolvi que iria comprar roupa com o meu primeiro salário. O vestido estava-me mais largo do que antes, mas eu fingi não reparar.

Finalmente as cinco e meia chegaram e eu peguei no casaco e na bolsa, tentando acalmar os nervos. *Vou vê-lo!*

– Tem algum encontro hoje à noite? – perguntou-me Jack, ao passar pela minha secretária, quando ia a sair.

– Sim. Não, não propriamente.

Ele arqueou uma sobrancelha, com um ar claramente interessado.

– Namorado?

Eu corei.

– Não, é um amigo. Um ex-namorado.

– Talvez amanhã queira vir tomar uma bebida depois do trabalho. A sua primeira semana foi excelente, Ana. Devíamos celebrar. – Ele sorriu e uma emoção desconhecida e inquietante surgiu-lhe por instantes no rosto, o que me fez sentir desconfortável.

Ele meteu as mãos nos bolsos e saiu calmamente pelas portas duplas.

Eu franzi o sobrolho ao vê-lo bater em retirada. Bebidas com o patrão? Seria isso uma boa ideia?

Abanei a cabeça. Primeiro tinha uma noite para passar com Christian Grey. Como iria fazer aquilo? Dirigi-me apressadamente à casa de banho para uns retoques de última hora.

Olhei demoradamente para o meu rosto no grande espelho pendurado na parede. Estava pálida como habitualmente, com grandes olheiras escuras à volta dos olhos demasiado grandes. Parecia abatida, assombrada. Quem me dera saber maquilhar-me. Apliquei um pouco de rímel e de *eyeliner* e belisquei as faces, esperando ver nelas alguma cor. Prendi o cabelo de maneira a que este me caísse airosoamente pelas costas e respirei fundo. Teria de ser o suficiente.

Percorri nervosamente o vestíbulo, sorrindo e acenando a Claire, na receção. Achava que eu e ela nos podíamos vir a tornar amigas. Ao dirigir-me para a porta da saída, Jack estava a falar com Elizabeth. Ele apressou-se a abrir-me, com um grande sorriso.

– Faça favor, Ana – murmurou ele.

– Obrigada – disse eu, sorrindo embaraçada.

Taylor estava lá fora à espera, no passeio. Abriu a porta de trás do carro e eu olhei hesitantemente para Jack, que me seguira até ao exterior. Ele estava a olhar na direção do Jipe da Audi, com um ar consternado.

Virei-me e entrei para o banco de trás do carro e ali estava ele, sentado – Christian Grey – com o seu fato cinzento, sem gravata, e uma camisa branca com o colarinho aberto. Os seus olhos cinzentos brilhavam.

Senti a boca seca. Ele estava com um ar maravilhoso, só que estava a franzir-me o sobrolho. Porquê?

– Há quanto tempo não comes? – perguntou-me, bruscamente, assim que Taylor fechou a porta.

Raios.

– Olá, Christian. Prazer em ver-te, também.

– O teu sarcasmo não me interessa agora. Responde-me. – Os seus olhos estavam flamejantes.

Com os diabos.

– Hum... comi um iogurte à hora do almoço. Ah... e uma banana.

– Há quanto tempo não comes uma refeição decente? – perguntou num tom acre.

Taylor sentou-se no lugar do condutor, pôs o carro a trabalhar e mergulhou no trânsito.

Levantei os olhos e Jack estava a acenar-me, embora eu não percebesse como me conseguia ver através do vidro fumado. Eu retribuí-lhe o aceno.

– Quem é aquele? – perguntou Christian, bruscamente.

– É o meu patrão. – Olhei para o belo homem sentado a meu lado, e ele tinha a boca cerrada numa linha rígida.

– Então? A tua última refeição?

– Isso não te diz respeito, Christian – murmurei, sentindo-me extraordinariamente corajosa.

– Tudo o que fazes me diz respeito. Diz-me.

– Não, não diz – resmunguei frustrada, revirando os olhos. Christian fitou-me de olhos semicerrados e eu senti vontade de rir, pela primeira vez desde há muito tempo, esforçando-me para conter uma gargalhada que ameaçava borbulhar por mim acima. O rosto de Christian tornou-se mais brando. Tentei a custo manter uma expressão séria e vi vestígios de um sorriso a aflorar aqueles lábios perfeitos.

– Então? – perguntou-me, num tom de voz mais suave.

– *Pasta alla vongole*, na sexta-feira passada – respondi num murmúrio.

Ele fechou os olhos e eu vi fúria, e talvez algum pesar, perpassar-lhe o rosto.

– Compreendo – disse, num tom de voz inexpressivo. – Pareces ter perdido pelo menos três quilos, ou talvez mais, desde então. Por favor come, Anastasia – disse, num tom repreensivo.

Eu olhei para os dedos entrelaçados no meu colo. Porque me faria sempre sentir como uma criança malcomportada?

Ele mudou de posição e virou-se para mim.

– Como estás? – perguntou-me, num tom de voz suave.

Bom, na verdade estou na merda... Engoli em seco.

– Se te dissesse que estou bem, estaria a mentir.

Ele inspirou bruscamente.

– Eu também – murmurou, apertando-me a mão. – Sinto a tua falta – acrescentou.

Oh, não, pele contra pele.

– Christian, eu...

– Por favor, Ana. Precisamos de falar.

Vou chorar. Não.

– Christian, eu... por favor... já chorei tanto – disse, tentando controlar as emoções.

– Oh, meu amor, não. – Ele puxou-me pela mão e, quando dei por mim, já estava no seu colo. Ele estava a abraçar-me com o nariz no meu cabelo. – Senti tanto a tua falta, Anastasia – sussurrou.

Queria libertar-me dele para manter alguma distância, mas ele envolvera-me nos seus braços e estava a apertar-me contra o seu peito. Derreti. Era ali que eu queria estar.

Encostei a cabeça contra ele e ele beijou-me o cabelo repetidas vezes. Sentia-me em casa. Ele cheirava a linho, a amaciador de roupa, a gel de banho, e ao meu odor preferido – a Christian. Por instantes, abandonei-me à ilusão de que tudo iria ficar bem, e isso apaziguou-me a alma destrozada.

Minutos depois, Taylor parou junto do passeio, embora ainda estivessemos na cidade.

– Anda. – Christian tirou-me do seu colo. – Já chegámos.

O quê?

– Há um heliporto... no topo deste edifício – disse Christian olhando de relance na direção do edifício, a título de explicação.

Claro, *Charlie Tango*. Taylor abriu a porta e eu saí. Dirigiu-me um sorriso afetuoso, que me fez sentir segura, e eu sorri-lhe também.

– Devia devolver-te o teu lenço.

– Fique com ele, Miss Steele, com os meus cumprimentos.

Christian contornou o carro, pegou-me na mão e eu corei. Ele olhou interrogativamente para Taylor, que o fitou com uma expressão impassível, sem dar a entender nada.

– Nove? – perguntou-lhe Christian.

– Sim, senhor.

Christian acenou com a cabeça e virou-se, conduzindo-me pelas

portas duplas, até ao grandioso vestíbulo. Eu rejubilei ao sentir a sua mão e os seus longos dedos experientes à volta da minha mão. O apelo familiar estava lá – sentia-me atraída para o meu sol, como Ícaro. Já me tinha queimado e, no entanto, ali estava eu outra vez.

Ao chegar ao elevador, carregou no botão para o chamar. Olhei-o de relance e ele estava com aquele meio sorriso enigmático. Quando as portas se abriram ele largou-me a mão e conduziu-me para o interior.

As portas fecharam-se e eu aventurei-me a olhá-lo uma segunda vez. Ele baixou os olhos para mim e eu senti a eletricidade presente no ar entre nós. Era palpável. Quase conseguia sentir-lhe o sabor. Pulsava entre nós, atraindo-nos um para o outro.

– Oh, meu Deus – arquejei, desfrutando por breves instantes da intensidade daquela atração primitiva e visceral.

– Eu também a sinto – disse ele, com um olhar velado e intenso.

Um desejo obscuro e mortífero cresceu-me entre as virilhas. Ele agarrou-me na mão, roçando-me com o polegar pelos nós dos dedos, e todos os músculos se retesaram deliciosamente nas minhas entranhas.

Como era possível que ele provocasse isto em mim?

– Por favor não mordas o lábio, Anastasia – sussurrou.

Eu olhei para ele e soltei o lábio. Queria tê-lo ali mesmo, naquele momento, no elevador. Como poderia não querer?

– Tu sabes o que isso provoca em mim – murmurou.

Ah, eu ainda o afetava. A minha deusa interior mexeu-se, depois de um amuo de cinco dias.

As portas abriram-se abruptamente, quebrando o feitiço. Estávamos no telhado. O vento soprava e eu sentia frio, apesar de ter o meu casaco preto vestido. Christian envolveu-me com o braço, puxando-me para o seu lado e ambos nos dirigimos apressadamente para o local onde estava *Charlie Tango*, no centro do heliporto, com as pás do rotor a girarem lentamente.

Um homem alto e loiro, de queixo quadrado e fato escuro, saltou para o exterior e baixou-se, correndo na nossa direção. Apertou a mão a Christian e gritou sobre o ruído dos rotores:

– Está pronto, senhor. É todo seu.

– Fizeram todas as verificações?

– Sim, senhor.

– Vais buscá-lo por volta das oito e meia?

– Sim, senhor.

– O Taylor está à tua espera na parte da frente do edifício.

– Obrigado, Mr. Grey. Desejo-lhe um voo seguro até Portland. Minha senhora... – disse ele, cumprimentando-me. Christian acenou com a cabeça, sem me largar, baixou-se e conduziu-me até à porta do helicóptero.

Uma vez lá dentro, prendeu-me firmemente ao meu arnês, apertando as correias com força. Depois olhou-me com um ar sabido e o seu sorriso secreto.

– Isso deve manter-te segura – murmurou. – Tenho de confessar que gosto de te ver com esse arnês. Não toques em nada.

Corei até às orelhas e ele passou-me o indicador pela face, antes de me dar os auscultadores. *Eu também gostava de te tocar mas tu não me deixas.* Franzi o sobrolho. Além disso, apertara-me de tal forma as correias que eu não me conseguia mexer.

Ele sentou-se no seu lugar e prendeu o arnês, iniciando de seguida todas as verificações necessárias para descolar. Era muito competente e isso era bastante sedutor. Colocou os auscultadores, ligou um interruptor e os rotores começaram a girar mais depressa, ensurdecendo-me.

Virou-se e olhou para mim.

– Estás pronta, querida? – A sua voz ecoou através dos auscultadores.

– Sim.

Ele fez-me o seu sorriso infantil. Uau. Há quanto tempo que não o via.

– Torre de controlo de Sea-Tac, aqui *Charlie Tango*, Golf – Golf Echo Hotel, pronto para descolar com destino a Portland, via PDX. Por favor confirme. Terminado.

A voz imperceptível do controlador de tráfego aéreo respondeu, dando instruções:

– Entendido, torre de contolo, *Charlie Tango* a postos. Câmbio e desligo. – Christian ligou dois interruptores, agarrou no manípulo e o helicóptero ergueu-se lenta e suavemente no céu do entardecer. Seattle e o meu estômago ficaram para trás, e havia tanto para ver.

– Já perseguimos o nascer do sol, Anastasia, e agora vamos perseguir o crepúsculo. – Ouvi a sua voz através dos auscultadores e virei-me, olhando-o surpreendida.

O que queria aquilo dizer? Como conseguia ele dizer coisas tão românticas? Ele sorriu e eu não consegui conter um sorriso tímido.

– Desta vez há mais para ver, para além do sol de fim de tarde – disse.

Da última vez que tínhamos voado até Seattle estava escuro, mas naquela tarde a vista era espetacular, literalmente fora de série. Voávamos por entre os edifícios mais altos e estávamos a subir cada vez mais.

– O Escala está ali. – Apontou em direção ao edifício. – Se passares lá num Boeing só consegues ver o Space Needle.

Eu inclinei a cabeça para trás.

– Nunca lá fui.

– Eu levo-te lá. Podemos comer lá.

– Christian, nós acabámos.

– Eu sei, mas ainda te posso levar lá e alimentar-te – respondeu, olhando-me fixamente.

Eu abanei a cabeça e decidi não o contrariar.

– Isto é muito bonito aqui em cima. Obrigada.

– Impressionante, não é?

– O que é impressionante é que consigas fazer isto.

– Lisonjas vindas de si, Miss Steele? Mas eu sou um homem de muitos talentos.

– Estou perfeitamente consciente disso, Mr. Grey.

Ele virou-se e sorriu-me afetadamente e eu descontraí-me um pouco, pela primeira vez em cinco dias. Talvez aquilo não fosse correr assim tão mal.

– Que tal está a correr o novo emprego?

– Bem, obrigada. É interessante.

– Que tal é o teu chefe?

– É bom. – Como poderia dizer a Christian que Jack me fazia sentir desconfortável? Christian olhou-me de relance.

– O que se passa? – perguntou-me.

– Para além do óbvio, nada.

– O óbvio?

– Oh, Christian, às vezes és realmente muito obtuso.

– Obtuso, eu? Não sei se esse tom me agrada, Miss Steele.

– Paciência.

Um sorriso estremeceu-lhe nos lábios.

– Tinha saudades dessa tua língua afiada, Anastasia.

Eu arquejei e apeteceu-me gritar: *pois eu tinha saudades, não só da tua língua, mas de ti, inteirinho!* Mas fiquei calada e olhei através do para-brisas do *Charlie Tango*, semelhante a um aquário, enquanto continuávamos a voar para sul. O crepúsculo estava à nossa direita, com um sol enorme, flamejante, de um laranja intenso, junto do horizonte, e eu era de novo Ícaro, a voar demasiado perto dele.

O crepúsculo seguiu-nos desde Seattle e o céu estava banhado em tons de opala, rosa e água-marinha, entrelaçados uns nos outros, numa trama ininterrupta, que só a Mãe Natureza sabe tecer. Estava uma noite fresca e límpida e as luzes de Portland cintilavam, a dar-nos as boas-vindas, quando Christian poisou o helicóptero no heliporto. Estávamos no topo do estranho edifício de tijolos castanhos de Portland, de onde partíramos há menos de três semanas.

Passara muito pouco tempo e, no entanto, era como se conhecesse Christian desde sempre. Ele desligou o motor de *Charlie Tango*, apagando diversos interruptores para que os rotores parassem. Por fim, tudo o que ouvia era a minha própria respiração através dos auscultadores. Humm. Isso recordou-me, por instantes, a experiência de Thomas Tallis. Empalideci. Não queria pensar nisso, agora.

Christian abriu o seu arnês e inclinou-se para abrir o meu.

– Foi boa a viagem, Miss Steele? – perguntou, de olhos brilhantes, num tom de voz brando.

– Foi, sim, Mr. Grey, obrigada. – respondi cortês.

– Bom, vamos lá ver as fotos do rapaz. – Estendeu-me a mão e eu agarrei nela, descendo do *Charlie Tango*.

Um homem de cabelo grisalho e barba veio ao nosso encontro, com um sorriso de orelha a orelha e eu reconheci-o: era o mesmo velhote que nos acolhera da última vez que lá tínhamos estado.

– Joe – Christian sorriu e largou-me a mão, apertando calorosamente a mão a Joe. – Cuida dele para o Stephan. Ele estará cá entre as oito e as nove.

– Com certeza, Mr. Grey. Minha senhora – disse ele, acenando-me com a cabeça. – O seu carro está à espera lá em baixo. Ah, o elevador está avariado, terá de usar as escadas.

– Obrigado, Joe. – Christian deu-me a mão e dirigimo-nos para as escadas de incêndio.

– Ainda bem que só vais ter de descer três andares com esses saltos – murmurou, desaprovadamente.

A sério?

– Não gostas das botas?

– Gosto muito delas, Anastasia. – O seu olhar tornou-se mais sombrio e eu pensei que ele fosse dizer mais alguma coisa, mas calou-se. – Anda, vamos descer devagar. Não quero que caias e partas o pescoço.

Fizémos a viagem em silêncio, enquanto o motorista nos levava à galeria. A minha ansiedade voltara a atacar-me em força e eu percebi que o tempo que passáramos no *Charlie Tango* era apenas o olho da tempestade. Christian estava silencioso e absorto... dir-se-ia até apreensivo. A descontração que sentíramos anteriormente dissipara-se. Eu tinha tanto para lhe dizer, mas aquela viagem era demasiado curta. Christian olhava através da janela com ar pensativo.

– O José é apenas um amigo – murmurei.

Christian virou-se e fitou-me, com um olhar sombrio e reservado, que não deixava transparecer nada. A sua boca – ah, a sua boca era perturbadora e intrusiva. Lembrei-me de a sentir em mim – por toda a parte. A minha pele aqueceu. Ele remexeu-se no assento e franziu o sobrolho.

– Esses olhos lindos parecem demasiado grandes para o teu rosto, Anastasia. Promete-me que vais comer.

– Sim, Christian, eu vou comer – respondi, automaticamente, como se isso fosse uma banalidade.

– Estou a falar a sério.

– Não me digas! – Não consegui conter o desdém na voz. Sinceramente, que atrevimento o deste homem, o mesmo homem que me fizera

a vida num inferno nos últimos cinco dias. Não, não era verdade. Eu é que fizera a minha própria vida num inferno. Não, a culpa era dele. Abanei a cabeça, confusa.

– Não quero discutir contigo, Anastasia. Quero-te de volta e quero-te saudável – disse ele.

– Mas nada mudou. *Tu continuas a ser o Cinquenta Sombras.*

– Falamos no regresso. Já chegámos. – O carro parou em frente à galeria. Christian saiu do carro, deixando-me sem palavras. Depois abriu-me a porta e eu saí.

– Porque fazes isso? – Falei num tom mais alto do que esperava.

– Fazer o quê? – Christian foi apanhado de surpresa.

– Dizeres uma coisa desse género e depois calares-te.

– Anastasia, chegámos ao sítio onde querias estar. Vamos fazer isto e depois falamos. Não tenho nenhum interesse numa cena no meio da rua.

Eu olhei em redor. Ele tinha razão. Era um local demasiado público. Crispei os lábios e ele olhou-me fixamente.

– Ok – murmurei, com um ar amuado. Ele agarrou-me na mão e levou-me para dentro do edifício.

Estávamos num armazém reconvertido, com paredes de tijolo, soalhos de madeira escura, tetos brancos e tubagens brancas. Era arejado e moderno e viam-se várias pessoas a vaguear pela galeria, a beber vinho e a admirar os trabalhos do José. Todas as minhas preocupações se diluíram por instantes ao perceber que José concretizara o seu sonho. *É assim mesmo, José!*

– Boa noite. Bem-vindos à exposição de José Rodriguez – cumprimentou-nos uma jovem vestida de negro, com o cabelo castanho, muito curto, batom vermelho vivo e umas grandes argolas nas orelhas. Olhou-me de relance e depois, durante muito mais tempo do que seria estritamente necessário para Christian. Olhou de novo para mim, piscou os olhos e corou.

Eu franzi a testa. *Ele é meu* – ou era. Fiz um esforço para não lhe franzir o sobrolho. Quando voltou a conseguir focar a visão, voltou a piscar os olhos.

– Ah, és tu, Ana. Também queremos a tua opinião sobre a exposição. – Sorriu e deu-me uma brochura, indicando-me uma mesa com bebidas e aperitivos.

– Conhece-la? – perguntou Christian, franzindo o sobrolho.

Eu abanei a cabeça, igualmente intrigada. Ele encolheu os ombros, distraidamente.

– O que queres beber?

– Um copo de vinho branco, se não te importas.

Ele franziu a testa, mas conteve-se e dirigiu-se ao bar aberto.

– Ana! – José apareceu, caminhando apressadamente por entre um amontoado de gente.

Com os diabos! Ele tinha vestido um fato. Estava com boa aparência, a sorrir-me radiosamente. Envolveu-me nos seus braços e abraçou-me com força. Eu fiz os possíveis para não rebentar em lágrimas. O meu amigo. Enquanto Kate estivesse fora, ele era o meu único amigo. As lágrimas inundaram-me os olhos.

– Ana, estou tão contente por teres conseguido vir – sussurrou-me ao ouvido. Subitamente, segurou-me à distância e examinou-me.

– O que foi?

– Estás bem? Estás com um ar... esquisito. *Dios mio*, perdeste peso?

Eu tentei conter as lágrimas – oh, não, ele também?

– José, eu estou bem. Estou tão feliz por ti. Parabéns pela exposição. – A minha voz vacilou ao ver a preocupação estampada naquele rosto tão familiar, mas tive de manter a compostura.

– Como vieste? – perguntou-me.

– O Christian trouxe-me – respondi, subitamente apreensiva.

– Ah, bom. – O seu rosto esmoreceu e ele largou-me. – Onde estás ele? – A sua expressão tornou-se mais sombria.

– Está ali. Foi buscar bebidas. – Acenei com a cabeça na direção de Christian e reparei que ele estava a trocar gracejos com alguém que esperava na fila. Christian levantou a cabeça e ficámos de olhos fixos um no outro. Durante aqueles breves instantes eu fiquei paralisada a olhar para aquele homem incrivelmente atraente que me fitava, com uma emoção qualquer inescrutável. O seu olhar sensual parecia queimar-me e ficámos por instantes perdidos nos olhos um do outro.

Caramba... Aquele homem lindo queria-me de volta. Uma deliciosa alegria começou a florescer lentamente, no meu íntimo, como uma glória-da-manhã às primeiras horas do amanhecer.